

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Narrativas e produção de sentidos: História, ensino e formação docente.

Cristiani Bereta da Silva¹

Resumo: Este trabalho investiga produções de sentido sobre História, ensino e formação docente através de diferentes narrativas de professores e professoras de História. As narrativas que estes sujeitos fazem de si, de suas experiências, de suas práticas pedagógicas e históricas fornecem pistas importantes para pensarmos expressões e traduções de sentidos sobre História, ensino, saberes e posições de sujeito em salas de aula.

Palavras-chave: História; Ensino de História; Formação docente.

Abstract: This work investigates the productions of sense on the History, teaching and docent formation, through different narratives of History teachers. The narratives that they make about themselves, their experiences and pedagogical practices, supply important resources to think expressions and translations, senses on History, teaching, knowledge and subject positions in the classrooms.

Keywords: History; Teaching of History; Docent Formation.

No primeiro dia eu já coloco a importância da disciplina de história e da importância deles começarem a construir essa história. E eu começo dizendo mesmo, primeiro dia: “olha, todo mundo aqui é sujeito histórico”. (Beatriz, professora de História há 24 anos, 18/09/2006)

Nos últimos anos venho me constituindo (e também sendo constituída) como professora do curso de História das disciplinas consideradas “pedagógicas”, ou seja, aquelas que atuam mais diretamente nas questões pertinentes ao ensino. Assim, como professora das disciplinas de Metodologia e Prática de Ensino de História, parece “natural” que me acompanhem algumas preocupações relacionadas aos fazeres históricos e pedagógicos e outros tantos temas que se movimentam no amplo campo conhecido como “Ensino de História”.

Pois bem, não apenas estas preocupações vêm me acompanhando como também tenho procurado pensá-las como objetos de estudo históricos. Como as práticas relacionadas ao ensino de História vêm sendo construídas, reelaboradas, significadas ao longo do tempo em suas permanências e discontinuidades? Certamente há uma multiplicidade de estudos nessa área. Questões relativas ao ensino e a formação de professores de História vêm sendo destacados nos últimos anos em variadas pesquisas, sob diferentes perspectivas. É possível perceber a ênfase posta nestas questões nas apresentações e discussões feitas em seminários “Perspectivas do Ensino de História”, nos “Encontros de Pesquisadores do Ensino de

¹ Doutora em História. Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado - da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

História” e também nos “Simpósios Nacionais de História” organizados pela ANPUH (Associação Nacional de História). Porém, não obstante os trabalhos e pesquisas aí apresentados e debatidos demonstrarem crescente preocupação em relação ao ensino de história, a formação docente, ao processo de construção da prática pedagógica e também em relação a identidade do/a professor/a de História, há lacunas em relação a pesquisas que inscrevam estas questões historicamente, ou seja, as tomem como objetos de estudo em sua dimensão histórica. Segundo pesquisa realizada por Thais Nívea de Lima e Fonseca (2006:29-30) a ênfase dos trabalhos relativos ao ensino de História é colocada sobre questões mais diretamente ligadas ao cotidiano da sala de aula, contemporâneas aos seus autores, sem, contudo se caracterizar como uma história do tempo presente.

Mesmo tratando de passados mais recentes ou tempos presentes é conveniente e importante pensar o ensino de História em suas relações e dimensões históricas. Além de constituir-se num campo aberto de muitas possibilidades tanto de fontes, objetos e de abordagens, essas pesquisas podem contribuir de forma substantiva para a compreensão da permanência de determinadas práticas e concepções sobre História e ensino. Sobre como estas práticas e concepções se relacionaram ao longo da história às exigências e demandas sociais, a outros aspectos culturais e simbólicos, ao currículo, a construção do saber histórico escolar, a formação do/a professor/a de História, dentre tantos outros temas.

As questões aqui apresentadas - de modo bastante preliminar - são algumas das possibilidades abertas pela pesquisa “Histórias, memórias e subjetividades: a formação do/a professor/a de História e suas práticas pedagógicas - Santa Catarina 1980/2000” desenvolvida com bolsa de iniciação científica no Departamento de História da UDESC. Leituras e investigações vêm sendo realizadas numa tentativa de perceber as temporalidades em suas continuidades e permanências relativas às concepções de História e ensino presentes tanto nas políticas educacionais e propostas curriculares dos cursos de História da UFSC² e da UDESC³, nas décadas de 1980 a 2000 quanto nas narrativas dos/as professores/as egressos desses cursos, no período. Busca-se assim perceber de que forma estas concepções fazem-se

² O Curso de História da UFSC foi criado no princípio da década de 1960 com a incorporação da Faculdade Catarinense de Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Nas décadas de 1960 e até quase o final da década de 1970 foram oferecidas duas modalidades de Curso: Licenciatura Curta (1º Grau) e Licenciatura Plena (2º Grau). Na década de 1980 a licenciatura curta foi extinta, e passaram a ser ofertadas duas opções de Curso: Licenciatura e Bacharelado. A partir de 1991 o Curso de História da UFSC passou a oferecer unificadamente as habilitações em bacharelado e licenciatura.

³ O Curso de História na UDESC foi criado em 1990, como “Licenciatura Plena” a partir da extinção do Curso de Estudos Sociais, que era oferecido desde 1974. A partir de 1995 o Curso passou a oferecer unificadamente as habilitações em bacharelado e licenciatura.

presentes nas memórias dos professores e professoras formados nestas instituições constituindo subjetividades e construindo saberes acerca da natureza da História e seu ensino.

Até o presente momento foram realizadas quatro entrevistas - três professoras e um professor de História. Destas, uma entrevista é de uma professora que atuou como docente no Curso de História da UFSC nas décadas de 1980 e 1990 e as demais são de professoras e professor que atuam no ensino fundamental e médio de escolas públicas de Florianópolis e que são egressos da UFSC, formados na década de 1980. Para efeito das discussões propostas neste texto apenas duas entrevistas foram selecionadas. Importante observar que, embora as entrevistas tenham seguido um mesmo roteiro, tomaram rumos variados. Além disso, não obstante todos serem professores de História as narrativas foram construídas a partir de lugares distintos, constituídos a partir de diferentes experiências: sociais, de gênero, raça, de posição, dentre outras.

Nesse sentido, as experiências, relações mútuas do cotidiano dos sujeitos sejam elas de trabalho, políticas ou afetivas narradas e reconstituídas não são aqui pensadas como “evidências legitimadoras”, pois, parte-se da idéia de que não são os indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência (SCOTT, 1998:304). Uma perspectiva em que as experiências constituídas são oportunidades para que se possa historicizar tanto a experiência quanto as identidades que ela (re) produz. Tem-se presente também que o exercício de interpretação do modo como em diferentes lugares e momentos determinadas realidades sociais são construídas e vivenciadas, supõe vários caminhos. Trajetos que dizem respeito à organização e apreensão do mundo social de diferentes sujeitos em realidades socioculturais diversas. Realidades construídas a partir das experiências, das relações e dos processos de subjetividade, os quais os indivíduos encontram-se inseridos. Lembrando que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolas e condutas. (CHARTIER, 1990:17)

Parte-se assim do entendimento de que as entrevistas de professores e professoras são representações de sua apreensão de mundo social, dos sentidos construídos em torno deste universo e, principalmente, que estas percepções não se constituem “neutras” quando questionadas. Mesmo num relato, as pessoas constroem narrativas sobre si mesmas, o passado é sempre uma representação. As entrevistas realizadas em seus ritmos e oscilações percorrem caminhos e deixam rastros sobre representações relativas a natureza da História, a decisão de

fazer o curso, o período de formação, a identificação com determinados professores, metodologias e áreas de conhecimento histórico. Em suas falas há também reconstituições sobre as primeiras experiências em sala de aula como professores de história, representações do que seria um bom professor, uma boa aula de história e é claro, também sobre o bom ou mau aluno de história. Este texto é, portanto, um exercício de interpretação dessas narrativas, que contam mais sobre significados do que propriamente sobre eventos (PORTELLI, 1997:31).

Representações sobre a História aparecem relacionadas à própria tomada de decisão em estudá-la. Para estes professores que iniciaram seu Curso em fins da década de 1970 e início da década de 1980, História é política e também lugar de erudição. Para a professora Beatriz⁴ a opção por estudar História está bastante relacionada a militância de quem à época participava dos movimentos populares:

Eu participava anteriormente dos movimentos populares, movimento negro e também o movimento da pastoral da juventude e dentro desse papo, com as leituras que a gente fazia eu resolvi estudar História. (Beatriz. Entrou para o Curso de História da UFSC em 1978 e se formou em 1982. Entrevista concedida à Cristiani Bereta da Silva em 18/09/2006, Florianópolis)

Já para o professor Marcos a História representava o melhor caminho para uma mente curiosa:

Sou muito curioso e a História me mostrou isso. O caminho pra eu matar minhas curiosidades em relação à vida humana e aos antecedentes das civilizações seria através da História. (...) Desde pequeno sempre tive interesse em estudar mais a miúdo aquilo que eu via, então foi no Curso de História que eu me encontrei, encontrei o caminho certo. (Marcos. Entrou para o Curso de História da UFSC em 1974 e se formou em 1977. Entrevista concedida à Cristiani Bereta da Silva em 16/10/2006, Florianópolis).

Já como estudantes de História do final da década de 1970 e início de 1980, as histórias: econômica e política e seus professores ocupam um lugar especial em suas lembranças, o que não deixa de estar em sintonia com a proposta curricular do Curso à época. Das disciplinas que compunham o programa do Curso em 1977 destacavam-se as seguintes: História Econômica Geral e Formação Econômica do Brasil; História do Pensamento Econômico; História das Teorias Políticas I; História Econômica Geral I; História Econômica do Brasil; História Econômica, Política e Social (Geral e do Brasil). (UFSC, 1977:123-128)

Importante chamar a atenção para o fato de que as disciplinas citadas aparecem atreladas aos professores mais admirados:

⁴ Optou-se, aqui, por manter as professores e professor que concederam as entrevistas no anonimato, os nomes referenciados portanto são fictícios.

A Lígia me deu História Econômica. O Zé Roberto deu História Política. A que mais marcou foi a Lígia, ah, o Zé Roberto, que tem duas Histórias Econômicas. É o Zé Roberto e a Lígia.

(Por que tu gostava deles?)

Porque, acho que a própria disciplina deles né, a História Econômica e também a pessoa deles. São pessoas que marcaram sim. (Beatriz, 18/09/2006)

Para o professor Marcos além das Histórias econômica e política, a História de Santa Catarina também é destacada:

Eu gostei muito do Walter Piazza, porque na época eu gostava muito de História de Santa Catarina e a gente fez um trabalho muito bom, ele também gosta muito de História de Santa Catarina, história mais perto da gente, então pelas boas lembranças ficamos amigos. (Marcos, 16/10/2006)

Para a professora Beatriz o “gostar” da disciplina está intimamente relacionada ao professor. A partir de suas percepções do cotidiano de trabalho explica:

O aluno gosta de qualquer disciplina a partir do momento que ele gosta do professor. Mas ele vai se interessar mais por determinadas disciplinas, e ele se interessa mais pela história pela forma como a história é colocada. Por que o tu quer desse aluno? O que ele espera de ti? Ele espera ser sujeito daquele momento histórico, ele quer ser sujeito, ele quer criar auto-estima e isso eu estou falando agora vem até das experiências dos últimos anos, que ela (história) tem contribuído pra isso sim. Porque eu procuro reforçar sempre a idéia de que a história é a disciplina mais importante de todas as disciplinas. Todos têm necessidade de recorrer a história, né? Então, pra medicina, pra engenharia, pra qualquer outro curso se o cara não tiver uma noção de história, leituras, algumas leituras de história, ele não vai chegar a lugar nenhum. (Beatriz, 18/09/2006)

Há uma certa representação do fazer histórico em sala de aula contido nesta fala. Ou seja, é a forma como a História é ensinada, a postura do professor que faz toda a diferença. Para o professor Marcos também não é muito diferente. “Deve-se trazer bem o conteúdo e fazer com que o aluno desperte o interesse”. O domínio do conteúdo aparece em diferentes momentos nas falas desses professores, parece ser ele (seu domínio) a resposta para muitos dos problemas percebidos, em especial o “domínio da turma”:

Hoje em dia tem que ter habilidade para trabalhar de 5ª a 8ª, porque o que está acontecendo hoje no Estado? Tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio estão colocando qualquer pessoa para dar qualquer aula, os caras não têm domínio de conteúdo, como é que vão ter domínio de turma? Vários problemas que são causados aqui, de exclusão da sala de aula, de briga com o professor, é porque o cara não tem domínio de conteúdo, não tem domínio de turma. O aluno sabe, o aluno sabe e diz: “professora só a senhora, a dona Celina e o Seu Fernando que conseguem dar aula nessa sala e tranqüilo e legal. A aula passa e a gente não sente.” Por que? Porque é domínio de conteúdo. Tu chega ali, eu sou empolgada, não deixo aluno sem resposta, eles precisam disso, sempre motivando, sempre estimulando. Isso é o fundamental, domínio é fundamental. (Beatriz, 18/09/2006)

Além do domínio aqui estar consideravelmente relacionado a segurança do docente, é importante perceber que a importância dada ao conteúdo: “não deixo aluno sem resposta”, é uma das permanências mais arraigadas no ensino de História. Evidentemente que os conteúdos escolares são importantes, mas na atualidade há certo consenso sobre a impossibilidade de o professor saber tudo ou mesmo desejar ensinar “toda a história”. Essa postura em relação ao conteúdo e a própria prática do professor de história dá conta também de uma concepção de história narrativa que ainda se faz presente fortemente na história ensinada. Por outro lado, esta concepção não é excludente, outras concepções emergem dessas narrativas. É possível perceber isso na fala a seguir sobre a importância da História e seu ensino:

O ensino de história tem contribuído sim pra compreensão desse mundo, pra compreensão das diferenças, pra compreensão até da conjuntura, esse pessoal hoje cai pro ensino de história, a história que ensina isso. Hoje tem filosofia na escola, sociologia, antes não tinha então quem contribuía pra discutir as diferenças sociais, as diferenças raciais aqui dentro era a disciplina de história. (Beatriz, 18/09/2006)

Ao atribuir a História o lugar das discussões sobre diferenças e desigualdades e a importância para a formação dos alunos a partir dessas discussões, percebemos a ênfase numa história mais social, potencialmente transformadora. E ao destacar a contribuição do ensino de História para as discussões junto aos alunos das diferenças sociais e raciais de certa forma é possível perceber a representação de um ensino de História utilitarista.

A história social também aparece na idéia acerca do que seria necessário para formar um bom professor de história:

Na minha opinião pra formar um bom professor de história, eu acho que teria que fazer um projeto pra eles trabalharem em algum local que esteja dentro da realidade, né? Isso fez diferença pro meu grupo de estágio na Universidade, porque todos eram militantes, e naquela época, como eu te disse tinha os projetos, era utopia, todo mundo queria ir pro Morro. Isso é fundamental pra se formar um bom professor de história. (Beatriz, 18/09/2006)

Para W. Benjamin (1986, pp.40-41), a produção de memórias “é obra secreta de lembrança – que, de fato é a capacidade” de infinitas interpolações naquilo que foi, ou seja, o sujeito narrador tece as memórias que expõe, como sujeito de suas ações, num processo de ir e vir, como adulto, intelectual, que do presente, busca nas lembranças o vivido do passado. A memória, nesse sentido, não pode ser pensada apenas como depositário passivo de fatos, mas também como um processo ativo de criação de significações (PORTELLI, 1997:33) Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às

suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. Esses esforços foram realizados tanto por Marcos quanto por Beatriz ao serem questionados, interpelados sobre sua história de vida, formação, práticas cotidianas.

Considerando que o resultado de uma entrevista é sempre produto de ambos, narrador e pesquisador, é possível que este texto apresente sutis distorções, pois a voz da pesquisadora foi omitida. “Quando a voz do pesquisador é cortada, a voz do narrador é distorcida.” (PORTELLI, 1997:36) Eu mesma, formada na UFSC, egressa da primeira turma do Curso oferecendo licenciatura e bacharelado unificados, em 1992, tenho minhas concepções de História, partilho de referências, significados e até algumas das mesmas queixas, frustrações e satisfações.

Para além disso, estas e outras entrevistas já realizadas oferecem um amplo espectro de análises e reflexões, aqui apenas esboçadas. Perceber de que forma estas narrativas estabelecem relações com outras narrativas históricas já produzidas constitui-se em oportunidade de refletir como diferentes sujeitos partilham e ressignificam construções sobre a natureza da História com outras dimensões de suas vidas. Compreender de que forma se dá esse processo constitui-se em oportunidades de melhor pensar não apenas sobre a história do ensino de História, mas sim tanto a prática pedagógica dos/as professores/as de História quanto em maneiras de intervir no processo de formação inicial.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras escolhidas. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp.197-221.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e Ensino de História**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. *O que faz a História Oral diferente*. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, n.14, fevereiro de 1997.
- PRÓ-REITORIA DE ENSINO DA GRADUAÇÃO. Coordenaria de Documentação e Informação. **Catálogo Geral dos Cursos de Graduação da UFSC**. Florianópolis, 1977.
- SCOTT, Joan W. *A Invisibilidade da Experiência*. Tradução de Lúcia Haddad. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, n. 16, fevereiro de 1998.